

## RESENHA | BOOK REVIEW

Maxim D. Shrayer. *I saw it – Ilya Selvinsky and the legacy of bearing witness to the Shoah*. Boston, Academic Studies Press, 2013.

Bruno B. Gomide\*

Maxim Shrayer é professor no Boston College (EUA) e responsável por alguns dos melhores trabalhos dos últimos quinze anos na área de estudos russo-judaicos. Nessa linha de investigações, publicou, entre outros, um livro sobre o poeta Eduard Bagrítzki (1895-1934) e uma alentada antologia de poesia russo-judaica. É também poeta, tradutor, estudioso da obra de Vladímír Nabókov e autor de memórias e textos ficcionais sobre a sua experiência de imigrante nos Estados Unidos – a sua família saiu da União Soviética após árduos anos vivendo como *otkázniki* (grupo conhecido no ocidente geralmente a partir do termo em inglês *refuseniks*). Seu livro mais recente situa-se no cruzamento dessas vertentes: um texto pioneiro e instigante sobre um episódio crucial da Segunda Guerra Mundial e da Shoah captado pelo olhar de Iliá Selvínski (1899-1968), um importante nome da vanguarda russa e da cultura judaica do período soviético.

O episódio é o massacre de judeus levado a cabo pelos alemães em fins de 1941 na cidade de Kértch, Crimeia. Já em novembro daquele ano, a Wehrmacht ocupara praticamente toda a península, conduzindo, a cada cidade tomada – Simferópol, Feodóssia, Ialta, e outras – a eliminação da grande população judaica local, em um total de trinta a quarenta mil mortos. A cidade de Kértch, no extremo oriental da península, não escapou desse destino: homens, mulheres e crianças, em números que variam de duas mil a sete mil pessoas, foram fuzilados entre novembro e dezembro.

Contudo, ali houve um acontecimento ímpar no contexto do avassalador avanço militar alemão logrado após o deslanchar da operação Barbarossa: logo após o morticínio, o Exército Vermelho retomou a cidade durante um breve período. Perdeu-a novamente para os alemães pouco tempo depois (e só voltaria a retomá-la em 1944). Porém, nesse meio-tempo, pôde

---

\* Professor de literatura e cultura russa na Universidade de São Paulo. Autor de *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil, 1887-1936* (Edusp, 2011); *Nova antologia do conto russo* (ed. 34, 2011); *Antologia do pensamento crítico russo* (ed. 34, 2013). E-mail: <bgomide@hotmail.com>

deparar-se com os milhares de cadáveres das vítimas, ainda congelados em fossas anti-tanques recentes e preservando a imagem do horror dos seus momentos finais. As imagens foram imediatamente repercutidas pela imprensa soviética. O livro apresenta fotografias pungentes de sobreviventes encontrando seus parentes e amigos assassinados (o material iconográfico do livro, aliás, é digno de nota: ele contém muitas fotos inéditas não apenas relativas aos fatos da Crimeia, como também da atividade do poeta antes e depois da guerra). Essa cena terrível destoarà, ao longo de todo o restante do conflito, do padrão dos encontros soviéticos com as marcas da Shoah nos territórios do front oriental que iam sendo paulatinamente reconquistados a partir de 1943: transcorridos já alguns anos desde as atrocidades, ossos e cinzas eram os indícios disponíveis. Indicadores não menos poderosos, certamente, mas de impacto visual imediato menor. Kértch se transformou, então, na primeira prova do Holocausto na União Soviética.

É nesse ponto que aparece Selvínski, ele mesmo um nativo da Crimeia, mas radicado em Moscou a partir do começo dos anos vinte, quando se torna um escritor atuante em diversos círculos das vanguardas, sobretudo no grupo construtivista (o LTsK), do qual foi uma figura-chave. Alternará, ao longo de toda a vida, momentos de popularidade e ostracismo. Há um de seus poemas, datado de 1933, traduzido em *Poesia russa moderna* por Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, cujas estrofes iniciais bem poderiam dialogar com os dilemas de Selvínski em tempos de guerra apresentados pelo livro de Shroyer:

Estudo alemão, de raiva.  
Emparedo-me, eremita...  
Ninguém fala uma palavra  
De minha língua magnífica.

Zumbe mais negra a ferida.  
Silva ríspida a semente.  
Cheguei muito cedo à vida.  
Meu tempo me desentende. (...)

Shroyer faz uma apreciação breve, mas elucidativa, e que pode ser muito útil para o leitor brasileiro, que ainda tem pouca bibliografia disponível sobre certos circuitos da produção artística posterior à revolução, da participação do poeta nesses círculos: sua relação com a imensa variedade de periódicos, instituições e associações surgidos no período.

Na condição de repórter de guerra, atividade compartilhada com outros nomes expressivos da cultura russo-judaica como Iliá Ehrenburg e Vassíli Grossman, atuantes então

em outros setores do front, Selvínski chegou a Kértch em janeiro de 1942, e assim testemunhou não apenas as marcas da violência nazista, como também o dúbio jogo de mostrar e esconder que as autoridades soviéticas passaram a fazer em relação às atrocidades (“não dividir os mortos”, ou seja, não dar ênfase à origem judaica das vítimas, era a frase eufemística utilizada). O período em Kértch deixou uma marca indelével na vida de Selvínski. Ainda no mesmo ano, ele escreverá dois poemas, *Ia eto vídel!* (“Eu vi!”) e *Kértch*, dos quais o primeiro se tornará famoso na União Soviética. Contrariamente à boa parte da produção literária soviética de guerra, os poemas, especialmente o segundo, terão um valor estético considerável.

Shrayer reconstitui minuciosamente, com fôlego e paixão, mesclando consistência crítica de *scholar* e envolvimento pessoal com o tema, as idas e vindas da imprensa soviética sobre o episódio, e mostra como Selvínski, muito depois do fim da guerra, ainda terá que ajustar contas consigo mesmo e com o velado, mas não menos potente, antissemitismo soviético em função das reverberações dos textos poéticos gestados naquele ano fatídico. Utilizando trechos de diários, notícias de jornais, materiais inéditos de arquivos, experiências extraídas de trabalhos de campo na Crimeia (a capa do livro traz uma foto da sombra do autor, em dezembro de 2011, à beira da fossa onde o massacre ocorrera exatos setenta anos antes) e leituras imanentes de textos literários, Shrayer apresenta um excelente quadro da vida cultural soviética entre os anos quarenta e sessenta, focado nas complexas relações de Selvínski com o estado soviético, com integrantes dos meios artísticos, muitos dos quais o evitarão progressivamente, e com os jovens poetas que se encarregarão, de modo ambíguo, do seu legado.

O livro traz ainda traduções de textos, para o inglês, dos dois mencionados poemas inspirados em Kértch. A citação de alguns versos fornece uma dimensão de como Selvínski, a partir desse belo livro, poderá ser conhecido, ou relido, como um artista da Shoah:

One may choose to dismiss people's tales  
Or disbelieve printed columns of news.  
But I saw it! With my own eyes.  
Do you understand? I saw it. Myself.  
Here – the Road. Over there – a higher plain.  
Betwenn them, just so - a ditch.  
From the ditch rises boundless pain.  
And sorrow – without end.